

## 58º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro



Longas-metragens de fora da Competitiva oferecem panorama da produção contemporânea e relembram destaques de edições anteriores

Divulgação



Em *Vasta natureza de minha mãe*, o registro do cotidiano entre mãe e filho

Divulgação



Cineasta Safira Moreira retrata o luto pela perda da mãe no documentário *Caís*

# Mostras PARALELAS

» BEATRIZ LAVIOLA\*  
» JOÃO PEDRO ALVES\*

Para além da disputa do Troféu Candango, mostras paralelas do Festival de Brasília apresentam 15 filmes recentes e cinco clássicos que marcaram a premiação mais antiga do cinema brasileiro. Essas exposições se espalham por espaços como Sesc 504 Sul e Teatro Sesc Silvío Barbatto, no Setor Comercial Sul. Compõem a programação alternativa as mostras *Caleidoscópio*, *60 anos*, *Coletivas Identidades*, *História(s) do Cinema Brasileiro* e *Festival dos Festivais*.

Segundo o curador artístico do festival, Eduardo Valente, a importância das mostras paralelas é aumentar a amplitude de produções selecionadas para o evento e acompanhar o ritmo do cinema brasileiro. Quando foi criado, o festival tinha um recorte menor, o que não fornecia “um panorama, para o público de Brasília, do cinema brasileiro como um todo”, explica Valente. “O motivo de escolher esse conjunto de mostras é entender como o festival sempre dialogou com essas dimensões, tanto da história do cinema brasileiro, mas também do Brasil e do mundo”, completa.

Com produções de cinco estados brasileiros, a paralela *Caleidoscópio* reúne ficção, trabalhos experimentais, um documentário e uma animação. Diretor de *Nosferatu*, uma das obras selecionadas, Cristiano Burlan afirma que “estrear no Festival de Brasília tem um peso enorme”. Para ele, a capital “foi e continua sendo palco de filmes que confrontam. O cinema brasileiro precisa de espaços como esse para continuar existindo com potência”. O elenco de *Nosferatu* tem nomes como Helena Ignez e Jean-Claude Bernardet, que foi um dos idealizadores do festival e morreu em julho deste ano, pouco depois do fim da produção do filme. “A presença dele foi física, densa, viva. Elevava tudo ao redor”, diz Burlan.

Os filmes *Palco cama*, de Jura Capela; *Atravessa minha carne*, de Marcela Borela; *Uma baleia pode ser dilacerada como uma escola de samba*, de Marina Meliande e Felipe M. Bragança; e *Nimuendajú*, de Tania Anayáuri, também integram a mostra *Caleidoscópio*. O vencedor dentre os cinco filmes será eleito

por um júri composto pela Federação Internacional de Críticos de Cinema (Fipresci) e por estudantes de audiovisual da Universidade de Brasília (UnB). “Avaliamos o filme por inteiro, desde questões técnicas até sentimentos que funcionaram ou não”, diz a jurada jovem Cindy Abrantes.

Há mais de uma década, a mostra *Festival dos Festivais* integra o principal evento brasiliense de cinema. Neste ano, longas premiadas na Mostra de Tiradentes, no Panorama Coisa de Cinema, no CachoeiraDoc, no In-Edit e no Olhar de Cinema são exibidos em Brasília. O eixo que atravessa as quatro produções é a relação do ser humano com o contexto geográfico. Em *Vasta natureza de minha mãe*, de Aristótelis Tothi e Inez dos Santos, o registro do cotidiano se torna matéria-prima de afeto entre mãe e filho, enquanto *A mulher sem chão* retrata a tentativa da indígena Auritha de se firmar em São Paulo, longe da família. *Caís*, de Safira Moreira, e *As travessias de Letieres Leite*, de Iris de Oliveira e Day Sena, completam a mostra.

*Coletivas Identidades*, com *Pau d'arco*, de Ana Aranha; *Notas sobre um desterro*, de Gustavo Castro; e *A voz de Deus*, de Miguel Antunes Ramos, contêm três filmes que abordam questões sociais. Composta por *Relâmpagos de críticas murmurios de metafísicas*, de Julio Bressane e Rodrigo Lima; *Os ruminantes*, de Tarsila Araújo e Marcelo Mello; e *Anti-heróis do udi-grudi baiano*, de Henrique Dantas, *História(s) do Cinema Brasileiro* reverbera legados dos 60 anos de trajetória da competição em produções contemporâneas. Ambas as mostras são realizadas no Sesc, a primeira na unidade da 504 Sul e a segunda no Setor Comercial Sul.

Como parte da comemoração das seis décadas do Festival, serão exibidos dois filmes que integraram a Semana do Cinema Brasileiro, em 1965, embrião do Festival de Brasília: *São Paulo S/A* e *A falecida*, com o qual Fernanda Montenegro, homenageada da atual edição, foi premiada. Além disso, haverá sessão com três curtas de Kleber Mendonça Filho que também passaram pelo festival.

\***Estagiários sob supervisão de Severino Francisco**

Divulgação



No documentário *A voz de Deus*, duas crianças pregadoras buscam uma vida melhor

Nara Couto



*As Travessias de Letieres Leite* apresenta a trajetória do maestro

Divulgação



Em *Nosferatu*, Cristiano Burlan dirigiu Jean-Claude Bernardet

## Serviço

### Mostra Caleidoscópio, no Cine Brasília

- » *Nosferatu*, de Cristiano Burlan, na segunda-feira (15/9), às 15h, no Cine Brasília
- » *Palco cama*, de Jura Capela, na terça-feira (16/9), às 15h
- » *Atravessa minha carne*, de Marcela Borela, quarta-feira (17/9), às 15h
- » *Uma baleia pode ser dilacerada como uma escola de samba*, de Marina Meliande e Felipe M. Bragança, quinta-feira (18/9), às 15h
- » *Nimuendajú*, de Tania Anaya, sexta-feira (19/9), às 15h

### Mostra Festival dos Festivais, no Sesc 504 Sul

- » *Caís*, de Safira Moreira, terça-feira (16/9), às 17h
- » *A mulher sem chão*, de Auritha Tabajara e Débora McDowell, quarta-feira (17/9), às 17h
- » *Vasta natureza de minha mãe*, de Aristótelis Tothi e Inez dos Santos, quinta-feira (18/9), às 17h
- » *As travessias de Letieres Leite*, de Iris de Oliveira e Day Sena, sexta-feira (19/9), às 17h

### Mostra Coletivas Identidades, no Sesc 504 Sul

- » *Pau d'arco*, de Ana Aranha, quarta-feira (17/9), às 19h
- » *Notas sobre um desterro*, de Gustavo Castro, quinta-feira (18/9), às 19h
- » *A voz de Deus*, de Miguel Antunes Ramos, sexta-feira (19/9), às 19h



Aponte a câmera do celular e confira a programação completa do Festival de Brasília

## Crítica // Morte e vida Madalena ★★

### Com quê de pasmeira

Uma coroa de flores em velório, com a homenagem “pai por destino, um mestre na vida”, traz o ponto de partida de *Morte e vida Madalena*, longa de Guto Parente. A protagonista é Madalena (Noá Bonoba, num tom de apatia), imersa em conflitos — apaziguados pelas memórias, como menina, ao mesmo tempo em que, como produtora de cinema, vê-se mobilizada para dar andamento a um filme do pai, morto.

O peso de um legado é atravessado pelos bastidores do dia a dia nas filmagens de uma produção ao estilo B (ficção científica impressa em preto e branco, aos moldes de um Ivan Cardoso). A sucessão

de perrengues adentra a vida pessoal de Madalena, que vê, no oitavo mês de gravidez, até mesmo a sala de exames invadida por colega das artes. Com PhD “no ex-marido” Davi (Marcus Curvelo), que abandona o set de filmagens, Madá conta com a lealdade da assistente de direção Natasha (Nataly Rocha).

Junto com ameaça de greve e intervenções de sons (da vida real) que vazam como no caso do divertido número de forró, Madá — numa estranha conduta (justificada pelo desgaste do luto, talvez) — convida o espectador de *Morte e vida* a mergulhar numa real pasmeira, sem tom exacerbado para as crises que se apresentam na batata quente em que se transforma o filme dentro do filme.

Descompromisso e pouca mobilização parecem se instalar na equipe do desgoverno longa ficcional,

acentuando ares pacíficos e naif do filme de Guto Parente em que alguns personagens, divertidamente, abraçam, sem muitas reservas, decisões demarcadas pela imposição da astrologia.

Algumas situações, ao se “tocar o set”, confirmam hilariedade. É o caso de quando, à revelia, a protagonista indica, para muitos colegas (um a um), serem a “única pessoa com capacidade para” completar a missão de concluir o filme dentro do filme. Com algumas pias discretas (como a de sentido fálico, em que um policial ostenta “a preciosa, famosa” arma), o filme, apesar dos diálogos pouco aparados, ganha algo de vida, nas figuras de Gil (Honório Felix) e Oswaldo (Tavinho Teixeira, no papel do inexperiente diretor de ocasião). Oswaldo é bem aéreo na missão de concluir o filme. A vida imita a arte?

A protagonista é Madalena, interpretada por Noá Bonoba



Divulgação